

“SINTA ESTE FOGO IRMÃO”: COSMOLOGIA PENTECOSTAL, NOÇÃO DE PESSOA E “CORINHOS DE FOGO”¹

Robson Rodrigues de Paula²

Resumo: Nas últimas duas décadas, observou-se um crescente interesse por parte de estudiosos das ciências sociais e da religião a respeito da produção musical evangélica. Boa parte dos trabalhos abordou as transformações ocorridas no repertório da musicalidade desta vertente do cristianismo, decorrentes de um processo de renovação da liturgia de algumas igrejas ou da formação do mercado fonográfico *gospel*. Neste artigo, proponho outra possibilidade de entendimento acerca da palavra cantada evangélica, ao investigar a relação existente entre os “corinhos de fogo” e a cosmologia pentecostal. Mais do que simples adereços litúrgicos, os “corinhos de fogo” são geradores de ação, sendo elementos importantes na conexão entre o sagrado e os humanos.

Palavras-chave: evangélicos; cosmologia religiosa; música; noção de pessoa.

“FEEL THAT FIRE BROTHER”: COSMOLOGY PENTECOSTAL, PERSON AND THE CONCEPT OF FIRE CHORUSES

Abstract: In the last two decades, there has been a growing interest from scholars in the social sciences and about gospel music production religion. Much of the work discussed the changes that took place in the repertoire of this musicality Christianity shed, resulting from a process of renewal of the liturgy of some churches or the formation of the gospel phonographic market. In this article, I propose another possibility for understanding the Gospel sung word, to investigate the relationship between the "fire choruses" and Pentecostal cosmology. More than simple liturgical ornaments, the "Fire choruses" are action generators, are important elements in the connection between the sacred and human.

Keywords: evangelicals, religious cosmology, music, notion of person and fiery choruses

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, ocorreram grandes e significativas mudanças na produção musical evangélica, no Brasil. Tais transformações estão intimamente associadas

¹ Agradeço ao Programa de Bolsas Institucionais (Probin) da UNIABEU pela bolsa concedida. Sem ela, não seria possível desenvolver este escrito. Também devo mencionar que este trabalho é um dos resultados da pesquisa: Juventude evangélica, música e identidade religiosa na Baixada Fluminense, a qual é fomentada pela FAPERJ (APQ1111.434/2014).

² Robson de Paula é mestre e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Publicou artigos em revistas acadêmicas de grande expressão nacional, como *Religião e Sociedade* e apresentou comunicações em vários congressos internacionais. Atualmente, além de lecionar nos cursos de graduação de pós-graduação UNISUAM, é professor e pesquisador do ABEU: Centro Universitário, onde coordena o projeto Título do Projeto: Trânsito cultural e “barreiras institucionais”: sonoridades católicas e evangélicas em foco, no Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória. É membro do Grupo de Pesquisa CNPq, “Poéticas do Contemporâneo”. E-mail: rrdepaula@hotmail.com.

ao próprio crescimento e diversificação desta vertente do cristianismo e a formação de um nicho da indústria fonográfica destinada exclusivamente à produção, divulgação e distribuição de “músicas evangélica” em nosso país. Atentos a esse fenômeno, pesquisadores e estudiosos das ciências sociais e da religião passaram a dar relevo, em suas investigações e inquietações, a questões relacionadas à palavra cantada no segmento evangélico. No conjunto desta produção acadêmica sobre o referido tema, destacam-se as teses de doutorado de Cunha (2004), a qual discutiu a repercussão de um “novo estilo de vida”, associado à mídia e a possibilidade do entretenimento, nas musicalidades do segmento evangélico, e Dolghie (2007), sobre as mudanças no repertório musical da Igreja Presbiteriana. Em trabalhos pontuais, autores como Araújo (1996), Pinheiro (1998), Dolghie (2006), Jungblut (2007) De Paula (2014) analisaram o sentido simbólico da inclusão de ritmos e de gêneros musicais, concebidos até então como profanos por boa parte dos evangélicos, na liturgia dos cultos de algumas denominações e no repertório da indústria fonográfica.

Somados a estes estudos, que em certa medida abordaram os deslocamentos, as apropriações e as redefinições entre os extremos morais (“igreja” e “mundo”), Pinheiro (2004; 2006) refletiu sobre a atuação de produtores na elaboração de programações musicais evangelísticas, as chamadas “festas”, as quais são realizadas na região metropolitana do Rio de Janeiro e não estão diretamente vinculadas às denominações evangélicas. Tais eventos, segundo a estudiosa, além de catalisarem a atenção do público jovem, por fornecerem uma diversão em consonância com os marcos morais religiosos, são importantes espaços de divulgação e circulação da denominada “*black music gospel*”. Como desdobramento destes trabalhos, posteriormente, Pinheiro (2007) analisou as noções de negritude veiculadas nesta expressão musical, consolidando, dessa forma, nos estudos sobre música evangélica, uma nova perspectiva analítica que articula os termos: música, juventude e etnicidade.

De Paula (2007), por sua vez, analisou o processo de industrialização da música evangélica, por meio da trajetória religiosa e profissional de três cantores, que, à ocasião, apresentavam níveis de popularidade, repertórios, percursos sociais e econômicos distintos. A proposta principal foi compreender as percepções dos artistas a respeito das transformações ocorridas na cena musical evangélica, bem como entender como conduziram suas carreiras, no bojo da estruturação do nicho fonográfico *gospel*, na década de 1990. Através da observância atenta das respectivas histórias de vida, constatou-se que, com a formação de dois circuitos de distribuição de álbuns musicais evangélicos - “produção independente/ produção em pequenas gravadoras” e “produção em grandes gravadoras”-, ocorreu uma grande desigualdade de oportunidades no negócio da música evangélica. Em outras palavras, somente os artistas vinculados às grandes gravadoras, as quais estão imbricadas às denominações e a políticos evangélicos, conseguiram uma projeção nacional, tornando-se celebridades.

Segundo tal proposta investigativa centrada nas agências sociais, de forma mais detalhada, De Paula (2008) investigou a estruturação do nicho fonográfico evangélico, considerando, além de seus aspectos organizacionais e estruturais, as negociações de sentido, as tensões, as controvérsias e associações estabelecidas entre os atores sociais - pastores, cantores, grupos de louvores, audiência etc.- integrantes deste processo. Polêmicas e negociações de sentido na produção musical evangélica também foram exploradas por Rosa (2013), a qual contemplou principalmente as acusações feitas pelo bispo Edir Macedo à banda Diante do Trono. Mais do que uma tensão entre uma liderança religiosa e um grupo musical, o fenômeno em questão envolveu dois conglomerados empresariais: as empresas ligadas à Universal do Reino de Deus e as Organizações Globo.

A estruturação do nicho *gospel* facilitou a circulação e a distribuição dos produtos musicais deste segmento e, com efeito, fomentou a ampliação do consumo de músicas

evangélicas. Em etnografias realizadas na Baixada Fluminense- ver De Paula (2012a; 2012b; 2014), região metropolitana do Rio de Janeiro, observou-se um crescente consumo destas sonoridades não somente por cristãos evangélicos como também por indivíduos que professam outros credos. Por conta da distribuição sistemática nas igrejas e em pontos de venda da região, associada à divulgação nas rádios comunitárias locais e em veículos de comunicação de longo alcance, naquela região, não somente nos espaços privados, como também nos supermercados, nos transportes públicos e nas ruas, de modo geral, a música evangélica tem sido quase que uma “música ambiente”, a qual embala o cotidiano, em aberta disputa com outros gêneros musicais de massa – principalmente com o samba e o *funk*.

Como podemos observar, grosso modo, os estudos tematizaram questões relacionadas à formação do mercado *gospel* ou a sua ressonância seja no repertório musical de denominações evangélicas, ou na trajetória de cantores e grupos musicais.

Neste artigo, proponho uma mudança de foco, ao refletir sobre o conteúdo temático dos “corinhos de fogo” e sua relação com determinadas noções e concepções que são compartilhadas entre os pentecostais. Com poucos versos e ritmicamente semelhante ao baião, os “corinhos de fogo” surgiram ao longo da história do pentecostalismo no Brasil, em paralelo ao hinário da Assembleia de Deus, a Harpa Cristã, sem terem, quase sempre, uma autoria definida. Nos últimos anos cataloguei mais de 120 “corinhos de fogo”³ e observei suas execuções e recepções em inúmeras celebrações e cultos dos quais tive a oportunidade de participar em campo⁴.

O escrito em questão fundamenta-se na tradição da antropologia da música, fundamentalmente em Seeger (1977), Menezes Bastos (2006), Piedade (2006), Mortardo (2006), cujos estudos investigaram imbricações entre gêneros musicais e concepções ideológicas de povos ameríndios. Além disso, como aporte teórico, em minha descrição, utilizarei a perspectiva da performance musical, a qual:

(...) marca a passagem de uma análise das estruturas sonoras à análise do processo musical e suas especificidades. Abre mão do enfoque sobre a música enquanto “produto” para adotar um conceito mais abrangente, em que a música atua como “processo” de significado social, capaz de gerar estruturas que vão além dos seus aspectos meramente sonoros (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 20).

Tal proposta, que supera as análises em que se estabelecia uma dicotomia entre música e cultura (MERRIAM, 1964; 1977), demanda não somente uma atenção ao fenômeno musical, como também o entendimento de “suas funções dentro de uma comunidade ou grupo social maior, adotando uma perspectiva processual do acontecimento musical” (OLIVEIRA PINTO, 2001, p.200).

³ Nos últimos anos, cataloguei mais de 120 “corinhos de fogo”. Para maiores informações, indico o seguinte *site*.

http://www.cadecristo.com.br/GospelMusic/EdynaldodoRio/musica_gospel_EdynaldodoRio_corinhos.htm (Nesta página encontram-se áudios de alguns corinhos de fogo, interpretados pelo cantor Edynaldo do Rio) (consulta feita em 20/08/2015).

⁴ Nos últimos 13 anos, venho estudando grupo de evangélicos situados no Estado do Rio de Janeiro. Inicie os meus estudos na antropologia do cristianismo, na UERJ, investigando a trajetória de policiais militares evangélicos, lotados no 24º Batalhão em Queimados (RJ). Entre os anos de 2005 e 2008, na Universidade de Nova Iguaçu, coordenei pesquisas sobre a presença de evangélicos e de candomblecistas no espaço público da Baixada Fluminense. De 2009 em diante, venho coordenando pesquisas que relacionam os temas: religião, música e mercado fonográfico, no âmbito da UNIABEU. Neste artigo, portanto, me apoio em etnografias realizadas no transcorrer deste período. Priorizo: 1) as observações de campo e entrevistas realizadas tanto por mim, quanto por assistentes de pesquisa; 2) As músicas catalogadas, pertencentes ao meu arquivo pessoal; 3) Os vídeos postados no Youtube.

No tópico a seguir, discorrerei sobre os aspectos centrais da cosmologia pentecostal, ressaltando a maneira como as relações entre os seres humanos, divindade, anjos e demônios são concebidas por este segmento religioso. Feitas essas considerações, nas segunda e terceira unidades, analisarei as letras dos “corinhos de fogo”, estabelecendo uma conexão entre elas e o imaginário pentecostal. Nas considerações finais, após retomar os principais pontos discutidos ao longo do artigo, apostarei na ideia de que os “corinhos de fogo” são elementos culturais de suma importância no estabelecimento das próprias práticas rituais, em que se acredita que o divino se faz presente, seja no revestimento dos corpos dos fiéis, seja na cura de doenças, ou na expulsão de demônios. Sendo assim, mais do que simples adereços litúrgicos, os “corinhos de fogo” estão associados à cosmologia pentecostal e, com efeito, são geradores de ações e de estruturais sociais.

TEOLOGIA DA BATALHA ESPIRITUAL E O *ETHOS* PENTECOSTAL

Os pentecostais compartilham a ideia de que Deus e o Diabo são *personae* (MARIZ, 1997; MAFRA, 2002). Longe de serem concebidos como meras abstrações conceituais e morais - algo comum entre outras vertentes evangélicas, como a Luterana e Anglicana -, são vistos por estes como atores dotados de poderes sobrenaturais, com corpos figurativamente representados e rostos não revelados. Com interesses diametralmente opostos, tais seres personificados atuam direta e intensamente no mundo, sendo, em grande parte, a causa de vários fenômenos físicos, sociais e psicológicos (MARIZ, 1997). Para ilustrar, a calmaria após uma tempestade, o estabelecimento da paz entre os povos, a cura de uma doença crônica, por vezes são percebidos como resultantes de uma ação da divindade; assim como os grandes desastres naturais, os conflitos armados entre nações, ou um simples transtorno bipolar são, em certa medida, associados à perversa força do Diabo. Não estou afirmando que desconsiderem o discurso científico ou outros saberes no entendimento e na explicação de acontecimentos físicos ou sociais. O que parece acontecer é que, em maior ou menor escala, acreditam numa intervenção direta do Diabo no mundo.

Tal crença não é uma inovação pentecostal. Em geral, em seu transcurso histórico no Brasil, o catolicismo popular, cuja constituição ocorreu em paralelo à cúpula da igreja e em sintonia com outras expressões religiosas, como a umbanda e o candomblé, também atribui um lugar de destaque ao Diabo em sua cosmologia. A grande diferença reside no fato de que entre os católicos, a crença na existência de anjos, santos e espíritos acaba ofuscando o poder gênio do mal, pelo fato destes seres atuarem a serviço de Deus, em prol dos humanos. Associado a isto, no meio católico, o Diabo não é visto como o único causador sobrenatural dos males. Em muitos casos, sua figura não é aludida e outras causalidades são acionadas discursivamente para explicar o mal, como o “olho grande”, feitiçaria etc (MARIZ, 1997).

Portanto, a centralidade na figura do Diabo é uma peculiaridade pentecostal. Os seguidores desta matriz religiosa acreditam que sistematicamente e a todo custo, o Diabo busca atingir os humanos com os seus dardos inflamados. Na luta contra o mal, a qual é denominada pelos pentecostais como *batalha espiritual*, o fiel sabe que a Divindade possui um poder infinitamente maior do que o do “inimigo” e que a vitória final já está decretada e atestada no livro sagrado, a bíblia. Contudo, até o desfecho final, ou seja, quando Deus derrotar definitivamente o Diabo, ele tentará molestar, perturbar e destruir os humanos, em busca de, pelo menos, vitórias parciais e provisórias (MAFRA, 2002).

Deve-se se fazer uma ponderação a respeito da concepção do Diabo presente entre os seguidores desta religiosidade. É sabido que a cosmologia pentecostal agrega as entidades da umbanda e os orixás do candomblé. Contudo, nela, tais seres sobrenaturais recebem um sentido simbólico bem diferente dos compartilhados nas religiosidades de

matriz africanas, ao serem concebidos em conjunto: todos são vistos como expressões do Diabo e praticantes do mal (SOARES, 1993; SANCHIS, 1995; MARIZ, 1997).

Na luta contra o mal, os fiéis precisam desenvolver uma série de técnicas de cuidado de si e do corpo, as quais envolvem a realização de orações fervorosas, o uso de jejuns, o estabelecimento de um vínculo direto com a igreja e a realização de cultos nos montes (BIRMAN, 1997; MAFRA, 2002). Acreditam que a prática assídua desses rituais afasta o mal, ao produzir, no corpo do religioso, uma espécie de “limpeza espiritual”, seguida de um “preenchimento de Deus” (MAFRA & DE PAULA, 2002).

O desenvolvimento de uma relação mais próxima com a Divindade através da “busca do Espírito Santo”, não somente fortalece o fiel contra as investidas do Diabo, como também lhe permite o recebimento de dons espirituais, como a glossolalia – o ato de “falar em línguas estranhas” (FRESTON 1996; ORO, 1996; MAFRA, 2001). Inclusive, de acordo com a cosmologia pentecostal, a glossolalia é um dos principais sinais da presença do sagrado entre os humanos. Ocorre quando, no culto, em meio à execução de canções ou durante a pregação, um indivíduo começa a proferir uma sequência de sons em palavras, desprovidos de uma ordenação para nossa escuta, mas que, milagrosamente, pode ser traduzido por outro evangélico, possuidor do dom de “interpretação de línguas”. Sendo observada também entre os católicos carismáticos (MAUÉS, 2003), a glossolalia é um indício marcante da ocorrência do batismo com o Espírito Santo, algo muito almejado e que garante um novo status espiritual na congregação.

O interessante a ser observado é que tanto na luta contra o Diabo como nas práticas para a obtenção do batismo com o Espírito Santo a palavra cantada está presente, sobretudo os “corinhos de fogo”.

CORINHOS DE FOGO I: OS USOS E OS SENTIDOS SIMBÓLICOS DA CATEGORIA “FOGO DE DEUS”

Como já foi ressaltado anteriormente, o “corinho de fogo” possui uma configuração relativamente simples: temas objetivos e diretos, poucos e repetitivos versos e uma constância rítmica. Assemelha-se ao baião, mesmo que, para a sua execução, além da viola caipira, sanfona, triângulo, flauta doce e acordeon - instrumentos formadores da estrutura básica deste gênero musical-, sejam usados guitarra, contrabaixo, pandeiros, chocalhos, baterias etc. Outro aspecto marcante dos “corinhos de fogo”, que os aproximam dos primeiros sambas criados no início do século XX, é a autoria desconhecida. Em minhas incursões de campo no meio pentecostal, através de meus interlocutores, obtive a informação de que estes hinos surgiram, de forma espontânea e coletiva, ao longo da história do pentecostalismo no Brasil. Foram gradativamente incorporados na liturgia dos cultos⁵, associados às músicas dos hinários das igrejas, principalmente aos da Harpa Cristã⁶. Atualmente alguns deles passaram a ser executados por cantores evangélicos, sendo veiculados e distribuídos pelo mercado fonográfico evangélico (DE PAULA, 2008). Nos

⁵Em geral, os cultos das igrejas pentecostais, principalmente os das Assembleias de Deus, iniciam-se com uma oração. Em seguida são executados hinos da Harpa Cristã e “corinhos de fogo”, os quais podem ser cantados por todos ou por grupos específicos – crianças, jovens, senhoras etc. Intercalando as músicas, fiéis relatam as graças recebidas pela divindade – “testemunho”. Posteriormente, inspirados em textos bíblicos, os pastores ou convidados fazem a pregação, a qual é seguida pelo “apelo”. O culto termina com uma oração. Sintomaticamente, todas estas práticas rituais são realizadas com muita emoção, dinamismo, alegria e entusiasmo, características peculiares dos pentecostais. Para um maior esclarecimento sobre a história do pentecostalismo no Brasil, ver: (FRESTON, 1994; ORO, 1996; MAFRA 2002).

⁶ Para maiores informações acerca dos temas presentes neste hinário da Assembleia de Deus, ver De Paula (2011).

cultos, possuem duas significativas funcionalidades, que se complementam: a expulsão do mal e a invocação do sagrado. Por essa razão, pode-se dizer que este “estilo musical evangélico” mais do que um veículo pelo qual os humanos se comunicam com Deus e o Diabo, é também um gerador de ações. Ao analisar as letras das músicas apresentadas a seguir, desenvolverei este argumento.

Sai, Sai, Sai Todo Poder das Trevas

(autoria desconhecida)

Sai, sai, sai todo poder das trevas. (v1)
Sai, sai, sai, a minha fé você não leva.
Sai, sai, sai todo poder das trevas.
Sai, sai, sai, a minha fé você não leva.

Não leva não, não leva não. (v5)
Porque tenho Jesus Cristo dentro do meu coração.
Não leva não, não leva não.
Porque tenho Jesus Cristo dentro do meu coração.

Ainda que não faça uma referência direta ao Diabo, verifica-se que o compositor ordena a expulsão dele, denominado aqui como “todo poder das trevas”. Na luta espiritual deflagrada no hino “Sai, Sai, Sai Todo Poder das Trevas”, o fiel assume uma postura ativa contra o demônio ao se dirigir a ele, não por confiar em suas próprias potencialidades, mas por acreditar-se “preenchido por Deus”. Tal concepção é explicitada no verso: “tenho Jesus Cristo dentro do meu coração”.

Em outros “corinhos de fogo”, observa-se que, além da expulsão do mal, o crente solicita a Divindade a “queima” do demônio.

Queima Ele, Jesus

(Autoria desconhecida)

Queima ele, Jesus. Queima ele.
Queima ele, Jesus. Queima ele.
Queima ele, Jesus. Queima ele.
No nosso meio ele não pode ficar.

“Queima Ele, Jesus” é um dos corinhos mais executados no meio pentecostal, seja nos cultos noturnos, nas orações de consagração - especialmente realizadas pelas manhãs e dirigidas por mulheres-, ou nos encontros de pequenos grupos de oração. Com quatro versos e dotado de um ritmo empolgante, este hino expressa um pedido do fiel à divindade, para que o Diabo seja “queimado” e afastado do meio “dos escolhidos de Deus”. Nota-se que o compositor desconhecido, através da palavra cantada, se comunica com Deus e não se reporta diretamente ao Diabo, o qual é tratado na terceira pessoa do singular. A alusão indireta ao Diabo, através de outros termos e categoria, parece ser um recurso narrativo recorrente, usados nos “corinhos de fogo”.

Em outros, como no “Queima, Queima”, o “fogo de Deus” não é concebido como uma ferramenta eficiente e destrutiva do mal, mas como um recurso relevante no restabelecimento do corpo humano, na promoção da saúde.

Queima, Queima

(Autoria desconhecida)

Queima, queima, (v1)
Queima com o fogo da glória.
Queima, queima,
Queima por dentro e por fora.

Queima, queima, (v5)
Queima as doenças agora!
Queima com o fogo divino,
E com o Teu poder,
E nos dá a vitória.

Segundo os poucos e repetitivos versos do corinho acima, nos corpos humanos, o “fogo divino” pode restabelecer a saúde, ao invés de produzir danos, como foi indicado anteriormente. Sua atuação não se dá somente nas camadas mais externas do corpo, mas também nas regiões mais internas e profundas, seguindo um movimento de restauração e não de destruição. Além de possibilitar um efeito regenerativo, o “fogo da glória” também pode “preencher” os fiéis com o poder e torná-los, dessa maneira, espiritualmente mais fortes. O hino abaixo ilustra muito bem essa concepção.

**Senhor, Me Queima
(Autoria desconhecida)**

Senhor, me queima com fogo do altar, (v1)
Senhor, me queima com fogo do altar,
Senhor estou aqui, pode me queimar!
Senhor estou aqui, pode me queimar!

Eu vim aqui para buscar poder, (v5)
Eu vim aqui para buscar poder,
Senhor, estou aqui, quero receber!
Senhor, estou aqui, quero receber!

Os versos desse corinho são bastante interessantes. Nele, o fiel clama à divindade para que seja “queimado” com o fogo, que agora é concebido como sendo originário de um altar. Mesmo não atribuindo diretamente a causalidade das chamas poderosas a Deus, da mesma maneira que em outros corinhos, o fiel se dirige a Ele no afã de receber o seu poder.

Em todas as músicas apresentadas, a categoria “fogo” designa uma força divina que não se confunde com o próprio Deus. Nos termos de Alfred Gell (1998), pode-se dizer que nesses exemplos, a agência seria a Divindade, enquanto o fogo, o seu índice. Porém, em outros casos, a divindade se apresenta como um “fogo” entre os humanos. Nestes casos, usam outras categorias, como “roda de fogo” ou “chama divinal”.

**Tem Uma Roda de Fogo Entre Nós
(Autoria desconhecida)**

Tem uma roda de fogo entre nós, (v1)
Tem uma roda de fogo entre nós,
Tem uma roda de fogo entre nós,
E no meio da roda eu ouço uma voz!

**Poder, Poder, Poder Pentecostal
(Autoria desconhecida)**

Poder, poder, poder pentecostal, (v1)
Oh, vem nos inflamar, também nos renovar,
Oh vem, sim, vem, oh chama divinal,
Teus servos batizar!

Nesses dois corinhos, o próprio Deus é visto como uma “roda divina” ou como uma “chama divinal”. Porém, mesmo assim, é percebido como uma potência geradora de

ação, seja ao falar aos crentes, como ocorre na música “Tem uma roda de fogo entre nós”, ou ao batizar com o Espírito Santo, como é indicado no segundo hino.

CORINHOS DE FOGO II- O “SANGUE DE JESUS” COMO FONTE INESGOTÁVEL DE PODER CONTRA O MAL

Outra categoria que aparece, recorrentemente, nas letras dos “corinhos de fogo” é o “sangue de Jesus”. Tido pelos pentecostais como uma fonte de poder, nas músicas a que tive acesso, este é usado de forma bastante semelhante à categoria “fogo de Deus”. As músicas “O sangue de Jesus é poderoso e Jesus passou seu sangue aqui” ilustram essa afirmação.

O Sangue de Jesus é Poderoso (Autoria desconhecida)

O sangue de Jesus é poderoso, (v1)
Não há quem possa derrotar,
A doença vai, o demônio sai,

Quando o sangue de Jesus vem operar.
A doença vai, o demônio sai, (v5)
Quando o sangue de Jesus vem operar.

Jesus Passou Seu Sangue Aqui, (Autoria desconhecida)

Jesus passou seu sangue aqui, (v1)
O mal saiu, não resistiu.
Jesus passou seu sangue aqui,
O mal saiu, não resistiu.

No sangue de Jesus há poder, (v5)
Para curar e libertar.
No sangue de Jesus há poder,
Para curar e libertar.

Nos dois hinos anteriores, da mesma forma que o “fogo de Deus”, o “sangue de Jesus” é concebido como uma fonte milagrosa de poder, que protege o fiel contra as investidas do Demônio e o livra também das doenças.

Até aqui, nos versos das obras apresentadas, verifica-se que, no enredo da batalha espiritual, os humanos são disputados exclusivamente por Deus e o Diabo. Em nenhuma destas músicas são mencionados outros seres, uma constatação que corroboraria a ideia de que há um “empobrecimento” na cosmologia pentecostal, em decorrência da inexistência de outros agentes espirituais, como sugeriu Mariz (1997). Contudo, a respeito desta análise, deve-se se fazer uma ponderação. Noutros corinhos são feitas referências à presença de anjos entre os humanos.

Eu Vi, Eu Vi (Autoria desconhecida)

Eu vi, eu vi, Eu vi, eu vi, (v1)
Um anjo com a espada de fogo
Passando por aqui, (bis)

Era fogo no pé, era fogo na mão,
Era fogo na cabeça, Era fogo puro! (bis) (v5)

Varão de Fogo
(Cícero Mendes)

Há um varão de fogo no meio do povo (v1)
É grande o mistério aqui neste lugar
É anjo subindo, é anjo descendo,
Eu já estou vendo o Senhor operar

Aqui nesta igreja a sarça acesa, (v5)
Queimando entre nós está é poder de Deus
Que hoje aqui desce neste lugar

Entra no fogo irmão,
sinta esse fogo irmão,
deixe esse fogo, arder no teu coração (v10)

(Aparentemente sem título)

Eu estou vendo, o fogo está descendo. (v1)
E tem mistério, muito profundo em nosso meio.
Fechem os olhos, irmão e entre em comunhão
Há um manto de mistério na Congregação.

Desce do alto, desce poder, quem estiver ligado vai receber. (v5)
Desce do alto, desce poder, quem estiver ligado vai receber.
Quem quer vitória dá glória, quem dá glória recebe vitória,
O anjo desceu lá dá glória, trazendo tua vitória.
Quem quer vitória dá glória, quem dá glória recebe vitória,

O anjo desceu lá dá glória, trazendo tua vitória. (v10)
Quando Ele passa ninguém se contém,
Pavio apagado acende também!
Quando Ele passa ninguém se contém,
Pavio apagado acende também!

Os anjos são descritos como legítimos mensageiros de Deus, transmissores de seus desígnios e vontades. Suas atuações no mundo ocorrem quando o fiel estabelece uma relação íntima com a divindade, ou seja, quando “fica ligado”, nos termos dos fiéis. Mesmo descrevendo a presença dos anjos entre os humanos, nas músicas acima, em nenhum momento, observa-se alguma expressão que denote uma devoção a estes seres, como ocorre, por exemplo, com os santos no catolicismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com tudo que foi exposto ao longo do artigo, pode-se dizer que os “corinhos de fogo” estão intimamente associados à cosmologia pentecostal. Suas letras, tematizam questões relacionadas à forma como o sagrado se manifesta entre os humanos, por meio do “preenchimento do espírito”; relatam também a luta maniqueísta entre Deus e o Diabo, a qual demanda do fiel uma constante vigilância e um “cuidado de si”; e indicam a forte crença no milagre da cura e da libertação. A sintonia entre imaginário social pentecostal e a palavra cantada é flagrante, principalmente, quando analisamos os sentidos

atribuídos as principais categorias usadas nestas canções - “fogo de Deus”, “roda de fogo”, “sangue de Jesus”, etc. -, associados aos discursos de indivíduos do segmento pentecostal.

A relevância religiosa destas músicas não reside somente no fato de serem veículos de expressão das concepções compartilhadas por este segmento evangélico. Os “corinhos de fogo” também produzem ações e, com efeito, são indispensáveis nas cerimônias, cuja finalidade é a invocação do sagrado e a expulsão do mal. Os dados etnográficos atestam a recorrência de práticas, através das quais se acredita que este fenômeno seja alcançado. Nos cultos de igrejas da Assembleia de Deus dos quais participei, observei que, em alguns momentos, foram feitas orações fervorosas, seguidas de “corinhos de fogo”, por meio dos quais, acreditava-se que a divindade se fazia presente.

Quando Deus se faz presente, o crente pode pular, chorar, reproduzir movimentos que lembram marchas militares, ou até ficar desacordado por alguns minutos⁷. De acordo com o jargão pentecostal, ao ser “arreatado”, o espírito do fiel sai do corpo dele e “viaja”, com o auxílio de anjos. Pode ir ao inferno, quando necessita aprender o que acontece quando se desobedece as leis de Deus; pode conversar com anjos e receber mensagens de Deus, as quais deverão ser posteriormente transmitidas à comunidade; ou ir até a porta dos céus, para ter um ideia de como será a glória da eternidade. Nenhum entrevistado relatou ter, em espírito, entrado no céu, ou ter visto o rosto de Deus, talvez porque, como pecadores, este acesso seja negado. O céu é concebido como o lugar dos “puros de coração”.

Além de rituais destinados à invocação do sagrado, em maior ou menor intensidade, nas igrejas pentecostais também são realizados exorcismos. Ainda que acreditem que a destruição do Diabo ocorrerá no “final dos tempos”, uma das vitórias parciais mais aclamadas por estes na batalha espiritual é a “queima” momentânea do Diabo e a sua posterior expulsão do meio dos “eleitos de Deus”. Por exemplo, nos templos da Igreja Universal do Reino de Deus, às sextas-feiras, são realizadas celebrações, denominadas como “correntes de libertação”. Nesses encontros, além dos pastores fazerem as “orações fortes”, onde são proferidas expressões, como “Queima, Jesus” (MAFRA, 2002), também são executados “corinhos de fogo” para a expulsão do Diabo.

Embora sejam elementos constitutivos dos rituais e das práticas do pentecostalismo brasileiro, os “corinhos de fogo” têm sido tratados como “adereços” ou até subestimado nos estudos da antropologia do cristianismo. Noutros termos, nas descrições etnográficas acerca da cosmologia, dos rituais e das práticas litúrgicas pentecostais, quase sempre a música, principalmente o “corinho de fogo”, é negligenciada. Espero que as reflexões introdutórias realizadas ao longo deste escrito possam estimular novas abordagens, em que a palavra cantada seja compreendida não somente por seus aspectos sonoros, mas também por sua capacidade de significação e de criação de estruturas sociais. Neste sentido, seria louvável que os estudiosos do cristianismo no Brasil revisitassem e se inspirassem nos estudos clássicos da antropologia da música e da etnomusicologia.

BIBLIOGRAFIA:

⁷ Para uma visualização dessas práticas corporais, realizadas no momento em que se executam “corinhos de fogo”, assista aos seguintes vídeos:

<http://www.youtube.com/watch?v=qvPYVtTfdaM> (Trata-se de uma apresentação feita pela cantora Thayara em uma igreja) (consulta feita em 10-09-2015);

<http://www.youtube.com/watch?v=-h8AYQvRezU>; (acesso em 15-09-2015);

<http://www.youtube.com/watch?v=ybOLYkQDik8> (Apresentação da cantora Valdirene Silva, numa vigília);

<http://www.youtube.com/watch?v=x6AKoJI1BRE> (acesso em 15-09-2015).

ARAÚJO, S. Louvor, música popular e mídia evangélica no Rio de Janeiro: utilizando de músicas tradicionais em determinado contexto de globalização. **Revista Transcultural de Música**, n. 1, v.2, 1996. <http://www.sibetrans.com/trans/trans2/araujo.htm>.(acesso em 06/07/2014).

BIRMAN, P. Males e malefícios no discurso neopentecostal. BIRMAN, P; NOVAES, R. & CRESPO, S. (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.

CUNHA, M. N. **Vinho Novo em Odres Velhos**: Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação)- Escola de Comunicação e Arte / USP, São Paulo, 2004.

DE PAULA, R. R. Os cantores do Senhor: três trajetórias em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil. **Religião e Sociedade**, n.º. 2, v.27, p. 55-84, 2007.

DE PAULA, R. R. **“Audiência do Espírito Santo”**: música evangélica, indústria fonográfica e formação de celebridades no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/ UERH, Rio de Janeiro, 2008.

DE PAULA, R. R. “Se Cristo comigo vai”: notas sobre a elaboração dos primeiros hinários evangélicos em uma cena musical indisciplinada – memória e identidade religiosa em questão. In. OLIVEIRA, P. C. & CARREIRA, S. S. G, (org). **Memória e Identidade: ensaios**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2011.

DE PAULA, R. R. O mercado da música gospel no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais. **Revista UNIBEU**, n. 9, v. 5, p.141-157, 2012a.

DE PAULA, R. R. A formação do nicho fonográfico gospel no Brasil: recorrências e singularidades, uma introdução ao debate. **III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DAS AMÉRICAS. NUCLEAS**. UERJ. Rio de Janeiro, 2012b. CD.

DE PAULA, R. R. Deslocamentos rítmicos e ressignificação de sentidos: a formação do funk gospel. In. OLIVERIA, P.; CARREIRA, S. S. G. (Org.). **Diásporas e deslocamentos: travessias críticas**. 1ed. Rio de Janeiro: FAPERJ-FGV, 2014.

DE PAULA, R. R. & MAFRA, C. O Espírito da Simplicidade: A cosmologia da Batalha Espiritual e as concepções de corpo e pessoa entre policiais pentecostais cariocas. **Religião e Sociedade**, n.1, v.22, p. 57-76, 2002.

DOLGHIE, J. Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira. **Âncora-Revista Digital de Estudos da Religião**, São Paulo, 2006. www.revistancora.com.br.

DOLGHIE, J. **Por uma produção e reprodução musical do presbiterianismo brasileiro**: a tendência gospel e sua influência no culto. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião/ Umesp, São Bernado, 2007.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In. ANTONIAZZI, Alberto et. al. **Nem Anjos nem demônios**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- GELL, A. **Art and Agency an anthropological theory**. Oxford: Claredon Press, 1998.
- JUNGBLUT, A. L. A salvação pelo rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n2, v. 27, p.140-162, 2007.
- MAFRA, C. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MAFRA, C. **Na Posse da Palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais**. Lisboa, Portugal: Editora do Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 2002.
- MARIZ, C. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. In. BIRMAN, P.; NOVAES, R. & CRESPO, S. (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.
- MARIZ, C. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da literatura. **Boletim Informativo Bibliográfico em Ciências Sociais**, n.1, v.47, p. 5-94, 1999.
- MAUÉS, R. “Bailando com o Senhor”: técnicas corporais de culto e louvor (êxtase e o transe com técnicas corporais). **Revista de Antropologia**, n.1, v.46, p. 9-40, 2003.
- MENEZES BASTOS, F. J. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 86, p.7-27, 2006.
- MERRIAM, A. P. **Ethnomusicology of the Flathead Indians**, Chicago, Aldine, 1967.
- MERRIAM, A. P. Definitions of "Comparative Musicology" and "Ethnomusicology". **Historical-Theoretical Perspective**. **Ethnomusicology**, n. 2, v. 21, p. 189-204, 1977.
- MONTARDO, D. L. A música como “caminho” no repertório do xamanismo guarani. **Revista Antropológica**, n.1, v.17, p. 115-134, 2006.
- PIEIDADE, A. T. Reflexões a partir da etnografia da música dos índios Wauja. **Revista Antropológica**, n.1, v.17, p. 35-48, 2006.
- PIEIDADE, A. T. Etnomusicologia e estudos musicais: uma contribuição ao estudo acadêmico do jazz. **Arte online/Udesc**, p. 1- 13, 1999. Disponível em http://www.ceart.udesc.br/Revista_Arte_Online/Volumes/Etnomusicologia.htm (acesso em 21/08/2013).
- PINHEIRO, M. O proselitismo evangélico: musicalidade e imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, n.2, v.7 p. 57-67, 1998.
- PINHEIRO, M. Produção musical: a periferia do meio evangélico. **V CONGRESSO DA SEÇÃO LATINO-AMERICANA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DA MÚSICA POPULAR**, 2004.
- PINHEIRO, M. **Na “Pista” da Fé: Música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado de Sociologia e Antropologia), Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia /UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

PINHEIRO, M. “Música, religião e cor – uma leitura da produção de black music gospel”. **Religião e Sociedade**, n. 2, v.27 p. 163-180, 2007.

OLIVEIRA, T. O. Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora. **Revista de Antropologia**. São Paulo, n.1, v. 44, p. 1-41, 2001.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROSA, N. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. **Religião e Sociedade**, n. 1, v. 33, p. 167-194, 2013.

SANCHIS, P. O repto pentecostal. In_: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEEGER, A. Por que os índios suya cantam para as suas irmãs? In_: VELHO, Gilberto (org.). **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SOARES, L. E. A guerra dos pentecostais contra os afro-brasileiros: dimensão democrática do conflito religioso no Brasil. **Comunicações do ISER**, n. 12, v. 44: p-43-50, 1993.